

# DOS RIOS E DOS PEIXES DURANTE O CALCOLÍTICO NO ALTO DOURO PORTUGUÊS

**Ana Vale**

CITCEM/REMA – FLUP  
avale@letras.up.pt

**Cláudia Costa**

ICArEHB – FCHS UAIG  
cmcosta@ualg.pt

**Sónia Gabriel**

CEAU – FAUP  
sonia.gabriel@gmail.com

**Matilde Rodrigues**

FCHS UAIG  
matildepereirarodrigues30@gmail.com

**Sérgio Gomes**

CEAUCP- UC  
sergio.gomes@uc.pt

**João Muralha Cardoso**

CHAM – FCSH UNL  
jccardoso@fcsch.unl.pt

## **ABSTRACT**

This text aims to contribute to the understanding of the Chalcolithic walled enclosure of Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) as a place forged in a profuse network of practices, from which territories and landscapes were activated. To this end, it analyses its relationship with the surrounding watercourses, as well as the remains of ichthyofauna recovered during excavation. By demonstrating the importance of the Douro, Torto and Teja rivers valleys in the network of places where the enclosure is located, we discuss how the occurrence of barbel and shad/save allows us to deepen our knowledge of this network. The migratory cycles of these fish and their reproductive behaviour, given its seasonal character, are indicators of a cyclical temporality that would have structured the dynamics of territories and landscapes.

**Keywords:** Castanheiro do Vento, ichthyological remains, watercourses, territory

## RESUMO

O texto pretende contribuir para a compreensão do recinto murado calcolítico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) como um lugar forjado numa profusa rede de práticas, a partir das quais são atualizados territórios e paisagens. Para tal, analisa a sua relação com os cursos de água localizados na envolvência e os restos de ictiofauna recuperados no decurso da escavação. Demonstrando-se a importância dos vales dos rios Douro e Torto e da ribeira da Teja na rede de lugares em que se insere o recinto, discute-se o modo como a ocorrência de barbo e sável/savelha permite aprofundar o conhecimento de tal rede. Os ciclos migratórios destes peixes e os seus comportamentos de reprodução, atendendo sobretudo ao seu carácter sazonal, são indicadores de uma temporalidade cíclica que teria estruturado a dinâmica dos territórios e das paisagens.

**Palavras-chave:** Castanheiro do Vento, vestígios ictiológicos, cursos de água, território.

## INTRODUÇÃO

Os rios delimitam, unem, ligam, incluem e criam territórios e paisagens. São também o eixo estruturante de projetos de investigação, como é o caso do *Stonehenge Riverside Project*, um projeto colaborativo que permitiu compreender as relações de Stonehenge (Wiltshire, UK) com outros sítios arqueológicos, como Durrington Walls, e com vários territórios de pertença através do rio Avon, na longa diacronia (e.g. PEARSON *et alii*, 2008, PEARSON, 2011). Neste artigo, pretende-se dar ênfase aos cursos de água na constituição dos territórios e paisagens do sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento. Neste sentido, serão analisadas as relações espaciais que o sítio apresenta com os cursos de água e serão apresentados os restos ictiológicos recuperados no decurso das escavações. Com a valorização da relação entre o Castanheiro do Vento com cursos de água e os restos de peixe presentes no registo arqueológico, pretende-se explorar o sítio como uma profusa rede de práticas (a partir de THOMAS 2022 e TSING, 2013) e, assim contribuir para alargar a compreensão das múltiplas interações entre seres humanos, animais, materialidades, arquiteturas, território e paisagem que teriam conformado a longa biografia deste recinto monumental.

## O CASTANHEIRO DO VENTO E OS “SEUS” CURSOS DE ÁGUA

O sítio de Castanheiro do Vento localiza-se na freguesia da Horta do Douro, concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda, a 730 m de altitude (Fig. 1). As intervenções arqueológicas decorrem anualmente desde 1998, em projeto iniciado por Vítor Oliveira Jorge e João Muralha Cardoso. Estamos perante um recinto murado, com uma ampla cronologia, mas com uma grande dinâmica construtiva e de uso por volta de 2500 a.C. (e.g. CARDOSO, 2007; JORGE, 2006; VALE, 2011). A arquitetura do sítio, que se desenvolve no topo de uma colina, é definida por três linhas de muro (identificados na Fig. 2 como M1, M2 e M3), intercetadas por passagens (P), que delimitam um recinto principal. Este recinto, assim como as áreas entre muros, são pontuadas por estruturas de tendência circular com diferentes diâmetros: pequenas estruturas circulares delimitadas por moinhos manuais reutilizados; estruturas circulares (E) delimitadas por lajes de xisto e elementos em granito com cerca de 2 metros de diâmetro (identificadas 40 até ao momento); e grandes estruturas circulares (G) com cerca de 8 metros de diâmetro (até agora registadas 7), localizadas preferencialmente na área central do sítio arqueológico, a acompanhar as curvaturas das linhas de muro M2 e M3. Castanheiro do Vento foi sendo construído, habitado, usado ao longo de centenas de anos, e estas construções criam relações temporais diversas. Neste sentido, a planta arqueológica (Fig. 2) não traduz uma planta/projeto inicial, mas é resultado de “experiências acumuladas de habitar” (VALE, 2011 a partir de SANTOS GUERRERO, 2011) o que envolve um processo construtivo e de uso contínuo (CARDOSO, 2007). É um espaço de reunião de uma multiplicidade de materiais, animais, pessoas, territórios e paisagens.

Os rios são estruturantes da investigação em Castanheiro do Vento (CARDOSO, 2007). São limites de territórios arqueológicos, enquanto unem esses mesmos territórios. E são agentes na interpretação arqueológica. A Norte localiza-se o Rio Douro, a Oeste o Rio Torto e a Este a Ribeira da Teja (Fig. 3). Castanheiro do Vento partilha este território com outros sítios – outros recintos murados e possíveis sítios habitacionais localizados em vales ou a meia encosta, 98% localizados perto ou junto de linhas de água (CARDOSO, 2019, p.59). Os cursos de água, vitais para a sobrevivência de todos os organismos, são também importantes recursos alimentares, através da pesca, por exemplo, e indissociáveis da atividade construtiva de sítios como Castanheiro do Vento, o qual terá sido erguido com recurso a lajes de xisto extraídas do próprio local onde se implanta, mas também com madeira, terra argilosa e água na construção das paredes de estruturas tipo cabana, e no alteamento dos muros pétreos anteriormente identificados.

O Rio Douro (Fig. 4) dista de Castanheiro do Vento, em linha reta, 8,800 metros, a que corresponde uma caminhada superior a 2 horas de percurso. O rio Douro ligaria provavelmente o sítio a outras paisagens, imaginadas ou não, percorridas ou não, desde a Serra de Urbiós ao Oceano Atlântico. Note-se que no vale do Côa, as estações do Paleolítico Superior revelam rotas de abastecimento de matérias-primas que abarcam regiões tão distintas como a Meseta e a Estremadura portuguesa (AUBRY *et alii*, 2016). Castanheiro do Vento não tem contacto visual com o rio Douro. Avista o seu vale encaixado, após a colina do Castelo de Numão (também com ocupação calcolítica) (LACERDA, 2017). O trabalho intenso de prospeção num território definido pelo rio Torto (a Oeste), pelo rio Douro (a Norte), pela ribeira de Aguiar (a Este) e pela Serra da Marofa (a Sul) detetou apenas 9% de sítios arqueológicos localizados ao longo do Vale do Douro na região do Alto Douro. Segundo Cardoso (2019) este facto pode estar dependente de “um problema pós-deposicional; a plantação das vinhas nos últimos 30 anos terá destruído alguns sítios arqueológicos. A maior parte dos sítios aí identificados localizam-se em zonas de cumeada, ainda livres dos trabalhos agrícolas.” (CARDOSO, 2019, p. 61). No entanto, em relação com este vale, profundamente alterado nas últimas décadas, foi registado um outro provável recinto murado, o sítio do Cerro do Bastião (São João da Pesqueira), e ainda os sítios de São Salvador do Mundo, Quinta da Abelheira e Santa Bárbara (São João da Pesqueira).

O Rio Torto, afluente do rio Douro, está a 2,400 m em linha reta do sítio de Castanheiro do Vento, distando um percurso que levaria cerca de 40 minutos a pé. Castanheiro do Vento também não tem relação visual com este curso de água. Corre a Oeste, para onde, a partir do sítio, se erguem um conjunto de elevações que não permitem avistar o rio. Em colinas sobranceiras a este rio foram identificados os prováveis recintos murados de Castelo Velho do Souto (Penedono) e o Castro de São Jurgens (Meda) (CARDOSO, 2007).

Castanheiro do Vento abre-se, visualmente, à Ribeira da Teja (Fig. 5). A ribeira, afluente do Douro, situa-se a 2,300 metros, e demoraria cerca de 30 minutos a pé a ser alcançada. De Castanheiro do Vento vê-se a bacia deste curso de água. E a colina de Castanheiro do Vento impõe-se visualmente na paisagem desde o vale aberto da Ribeira da Teja. No vale da ribeira da Teja foram identificados dois sítios de habitat com materiais genericamente datados do Calcolítico regional (hoje já destruídos), Raza I e Raza II, e dois sítios arqueológicos identificados como recintos murados: o sítio da Zaralhôa e o sítio da Pitaceira (Vila Nova de Foz Côa) (CARDOSO, 2007).

Na paisagem do Castanheiro do Vento, os vales dos rios Douro, Torto e da ribeira da Teja são elementos estruturantes. No dia-a-dia das comunidades pré-históricas tal estrutura seria permanentemente atualizada em distintas relações contextuais que teriam desafiado os limites e as possibilidades proporcionadas por estes cursos de água. A ocorrência no interior do recinto de elementos que invocam estas relações com rio – como é caso de seixos de quartzito provavelmente recolhidos nas margens dos rios ou de restos de ictiofauna – permitem alargar a compreensão do(s) movimento(s) das comunidades entre o recinto, os cursos de água e os seus vales.

## OS RESTOS DE ICTIOFAUNA DE CASTANHEIRO DO VENTO: ESPÉCIES E CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA

### O conjunto e as espécies

Os restos de ictiofauna foram recuperados na Grande Estrutura Circular 1 (GEC1, n= 10) e na Grande Estrutura Circular 7 (GEC7, n= 32). A *Alosa* sp. (Sável ou Savelha), representa respetivamente 100% (n= 7) e 90% (n=10) do material recuperado na GEC1 e na GEC7, onde ocorre também *Luciobarbus* sp. (Barbo), que representa 10% (n= 1) do total identificado nessa estrutura (Tabela 1). Todos os restos recuperados são vértebras (n= 42). Junto com os elementos dentários, as vértebras de peixe constituem as partes anatómicas que melhor sobrevivem no registo arqueológico e que são reconhecidas como pertencentes a elementos piscícolas. Pese embora a recuperação com recurso a crivo de malha de 5mm e de 2mm seja sistemática, é difícil a recuperação de elementos que só poderia ser possível com malhas de 1 mm (GABRIEL e COSTA, 2017).

Alguns dos elementos provenientes da GEC1 estão termoalterados (n= 11), exibindo colorações que variam entre o preto, o cinza e o branco, indicando contacto direto com o fogo. Entre as vértebras de peixe encontradas na GEC7, observam-se elementos em articulação anatómica (n= 7), o que sugere uma deposição rápida destes restos no interior da estrutura.

	<b>GEC1</b>	<b>%</b>	<b>GEC7</b>	<b>%</b>
<b>Clupeidae</b>				
<i>Alosa</i> sp.   Sável/Savelha	9	90	7	100
<b>Cyprinidae</b>				
cf. <i>Luciobarbus</i> sp.   Barbo	1	10		
Total identificado	10		7	
ND			18	
TOTAL	10		32	

Tabela 1: Ictiofauna de Castanheiro do Vento: número de restos e táxones identificados.  
Percentagens calculadas apenas para a fração determinada. ND – Não determinado

Através da osteologia comparada é difícil distinguir entre espécies próximas, como o sável (*Alosa alosa*) e a savelha (*Alosa fallax*), utilizando os seus elementos vertebrais. Os restos analisados correspondem a indivíduos com cerca de 50 cm de comprimento, ajustando-se ao tamanho alcançado pelo sável (75 cm) e pela savelha (55 cm) (COLLARES-PEREIRA *et alii*, 2021).

O sável e a savelha são peixes anádromos, vivendo no mar até atingir a fase adulta, onde exibem um comportamento gregário. Considerando que os cardumes de sável sobem os rios de maiores dimensões e de corrente moderada para se reproduzir, percorrendo maiores distâncias para efetuar a desova do que a sua congénere savelha (DOADRIO, 2001), que não se afasta muito da costa em meio marinho, nem subindo tanto os rios em meio fluvial (TAVERNY e ELIE, 2001), é verosímil considerar que as vértebras encontradas em Castanheiro do Vento correspondam a restos de sável, hipótese suportada também pelo tamanho referido para a maturidade sexual das duas espécies: 45 – 50 cm para o sável e 32 cm para a savelha (FROESE e PAULY, 1999).

### Análise contextual

A Grande Estrutura Circular (GEC1) (Fig. 6) e Grande Estrutura Circular (GEC7) integram um grupo arquitetónico definido por sete estruturas que apresentam semelhanças formais entre si: caracterizam-se sobretudo pelo seu diâmetro entre 5m e 8m e a sua configuração circular ou em arco. Recentemente, estas estruturas foram interpretadas como arquiteturas públicas, como espaços formalizados de reunião comunitária (VALE *et alii*, 2023).

A GEC1 apresentava diferentes categorias de ecofactos e artefactos, designadamente fragmentos cerâmicos (num total de 2818 fragmentos); indústria lítica (em quartzo); e um punção em cobre (VALE *et alii*, 2023). Neste contexto foram recolhidos 122 fragmentos de fauna vertebrada, sendo que apenas 18 permitiram a identificação taxonómica: 10 fragmentos de peixe (*vide supra*) e 9 de mamíferos (Tabela 2). Todos os elementos recuperados encontram-se altamente manipulados termicamente, exibindo coloração esbranquiçada compatível com calcinação (i.e. manipulação pelo fogo a temperaturas superiores a 700°C). Esta é uma característica comum aos restos faunísticos recuperados nos diversos contextos do sítio (COSTA, 2011, 2016) o que explica a baixa taxa de determinação taxonómica (15% neste caso). Os mamíferos estão representados pelos suínos (*Sus* sp.) num total de 7 espécimes que se reportam a um mínimo de dois indivíduos, um elemento de bovino e um caprino doméstico. No que diz respeito à ictiofauna, estava concentrada no interior de uma pequena estrutura circular, encontrando-se em associação a um fragmento de chifre de bóvido, um peso de tear inteiro, elementos vegetais carbonizados, uma lasca em quartzito, um núcleo em quarto leitoso e fragmentos cerâmicos. Este contexto foi interpretado como resultado de uma prática de deposição e oclusão intencional (VALE 2011).

	<i>Sus</i> sp.	<i>Bos</i> sp.	<i>Oryctolagus cuniculus</i>
Fragmento haste		1	
Fragmento molar	1		
Escápula esquerda	3		
Metápodo	2		
Calcâneo			1
Falange Lateral	1		
Total	7	1	1

Tabela 2: Número de restos mamíferos determinados na GEC1.

Na GEC7, os restos ictiofaunísticos (Fig. 7) inserem-se num depósito localizado na área central da estrutura, que aparenta ser o enchimento de uma interface aberta na base argilosa da estrutura. Apesar deste contexto ainda estar em escavação, é de salientar que apresenta uma elevada ocorrência de fragmentos cerâmicos (o estudo preliminar permite avançar que cerca de 36% estão visivelmente queimados), indústria lítica em quartzo, restos antracológicos e carpológicos, maioritariamente trigo e cevada (RODRIGUES 2020; VALE *et alii*, 2023: p. 139) e um fragmento distal

de furador em osso sobre diáfise de fíbula de *Sus* sp. (Fig. 8). Neste contexto foram recuperados 232 elementos faunísticos, sendo 15% destes identificáveis taxonomicamente (n= 35), entre peixes e mamíferos (Tabela 3). Acompanhando a tendência verificada nas coleções dos outros contextos, os suínos (*Sus* sp.) são os mamíferos mais representados em número de restos (n=12). Contudo, em número mínimo de indivíduos, os caprinos domésticos (*Ovis/Capra*) encontram-se em maior número tendo-se identificado 4 indivíduos a contar pelo número de fragmentos de astrágalos esquerdos (n=3) de adultos e um completo de indivíduo infantil. Dentro deste grupo, e graças à boa conservação dos elementos, foi possível identificar uma tíbia de cabra (*Capra hircus*) e uma epífise distal de úmero de ovelha (*Ovis aries*). Segue-se em número de restos o coelho (*Oryctolagus cuniculus*) representado por cinco elementos. A vaca está representada apenas por uma 2ª falange completa e um fragmento de dente solto. Aliás, no que concerne às alterações pelo uso do fogo, característica dominante nas coleções recuperadas nos diversos contextos de Castanheiro do Vento, apenas 14,5% (n=34) dos espécimes se encontram com marcas de alterações pelo fogo. Parte deles correspondem às sete vértebras de *Alosa* sp. em articulação. Ao contrário do que foi verificado na restante coleção do sítio cuja baixa taxa de identificação anatômica e taxonómica se deve à elevada taxa de calcinação (COSTA, 2007, 2011, 2016). No caso do contexto em estudo, o elevado índice de fragmentação deve-se ao elevado número de fragmentos com fraturas recentes.

Ao contrário da hipótese interpretativa apontada para a Grande Estrutura Circular 1, os ecofactos e artefactos registadas neste contexto não terão sido intencionalmente depositados na Grande Estrutura Circular 7, mas terão sido trazidos intencionalmente para o seu interior, participando assim na sua construção, através, sobretudo do seu uso, da sua habitação. O contexto em que se recuperaram as vértebras de peixe poderá ter sido resultado de uma estrutura de combustão “escavada” na área central da GEC7.

	<i>Sus</i> sp.	<i>Bos taurus</i>	<i>Ovis aries</i>	<i>Capra hircus</i>	<i>Ovis/Capra</i>	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	cf. Lagomorpha
Crânio	3						1
Mandíbula	1					1	
Dentes soltos	2	1					
Vértebras						2	
Úmero			1				
Ulna	1						
Metacarpo V	1						
Pélvis						1	
Fémur						1	
Tíbia				1			
Fíbula	1						

Calcâneo	1				1		
Astrágalo					4		
Cubóide	1						
1ª falange					1		
1ª falange lateral	1						
2ª falange		1					
Total	12	2	1	1	6	5	1

Tabela 3: Número de restos de mamíferos determinados na GEC 7.

### Discussão

A biologia, a ecologia e habitat da ictiofauna identificada, apontam para uma pesca sazonal (durante a primavera e o início do verão), altura em que tanto o sável como o barbo se concentram em áreas concretas para a reprodução. No início de fevereiro os peixes reprodutores aproximam-se dos estuários para iniciarem a migração reprodutora para os rios. Os machos chegam primeiro, ocupando os locais apropriados para a reprodução, aguardando as fêmeas, que chegam uma a duas semanas mais tarde. A postura ocorre durante a noite nas zonas intermédia e superior dos cursos de água, em locais com alguma profundidade (> 1,0 m), a montante de troços de águas correntes com leitos de cascalho. Nadando em círculo, os machos perseguem as fêmeas e tocam-lhes com as barbatanas caudais, produzindo bastante ruído. A reprodução ocorre durante a primavera e o início do verão (COLLARES-PEREIRA *et alii*, 2021, p.103). A zona e época da reprodução do sável coincide com a dos barbos (*Luciobarbus* sp.), que estão presentes nos rios durante todo o ano, habitando os troços superiores, médios e inferiores com corrente média e águas bem oxigenadas. Entre fevereiro e junho os barbos migram para montante para desovar em grupo em zonas de cascalho (COLLARES-PEREIRA *et alii*, 2021, p.125).

Longe da orla costeira, o território de Castanheiro do Vento inclui dois afluentes do rio Douro, abrindo-se visualmente à Ribeira da Teja. Nesta paisagem aquática, hoje muito transformada devido à ação humana, as grandes agregações de peixes não terão passado despercebidas às comunidades de Castanheiro do Vento, que dominariam o território e as dinâmicas migratórias das espécies que o povoam. No presente, as redes são o método mais comum de captura do sável, mas cabe especular se tirando partido das grandes concentrações de animais em determinados tramos do rio, as populações do IIIº milénio a. C. não terão utilizado barreiras, fabricadas com elementos vegetais, para confinar e capturar os peixes. A título de exemplo, no sítio dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), para além da ictiofauna recuperada, foi também encontrado um recipiente cerâmico com um motivo decorativo que se assemelha a uma nassa (armadilha de pesca) de forma ogival, que pode ser construída entrelaçando ramos de madeira (VALERA, 2016), apontando também algumas pistas sobre os métodos de captura utilizados.

A pesca, o consumo e manipulação de peixes estaria presente em diversos momentos de construção e uso do sítio de Castanheiro do Vento. Como foi salientado, as grandes estruturas circulares seriam espaços formalizados de reunião comunitária, onde diversas ações promoveriam a coesão social e estruturariam as vivências intra e inter comunidades. Na GEC 1 os vestígios

ictiológicos foram incorporados numa reunião de elementos excepcionais (no registo arqueológico), agrupados numa estrutura de pequenas dimensões cujo fecho terá ocorrido pouco depois da deposição de ecofactos e artefactos. A associação de um peixe, de um chifre de bovídeo, de sementes, de fragmentos cerâmicos e de um peso de tear convoca o cruzamento de elementos provenientes de diferentes práticas, e pontos do território, recriando o sítio e as suas paisagens. Também na GEC7 se encontram indícios de reunião de elementos distintos de diferentes pontos do território: vários animais, sementes variadas de cereais, múltiplos fragmentos cerâmicos e utensilagem lítica. A presença em grande número destes elementos (em comparação com os outros contextos escavados em Castanheiro do Vento) permite inserir os vestígios ictiológicos aí registados numa outra dinâmica, em práticas sociais provavelmente ligadas ao consumo e partilha de bens que atualizariam, de um modo distinto, a coesão da(s) comunidade(s) do Castanheiro do Vento.

## CONCLUSÃO

A rede de sítios construídos da qual Castanheiro do Vento faz parte estrutura-se ao longo das margens dos cursos de água. Dezenas de sítios arqueológicos, genericamente contemporâneos, povoam a paisagem de Castanheiro do Vento. Entre recintos murados e entre estes e os sítios localizados em fundos de vale ou em várzeas, os movimentos terão sido diversos e as redes de cuidado, dominação, dependência e hábito também (a partir de THOMAS, 2022). Os peixes identificados em Castanheiro do Vento são indicadores de, ou através deles emergem, redes de relações possíveis entre o sítio e outros espaços e tempos da vida do dia-a-dia, da qual faziam parte os espaços de pesca, os espaços conhecidos ou imaginados, de proveniência do sável e do barbo, e de espaços de memória, de espaços percorridos todos os dias, por uns e por outros, espaços acessíveis, outros restritos, e espaços em transformação. É todo um território que se traz para dentro do sítio. E estes múltiplos espaços que se podem continuar a desdobrar, ligam-se a tempos e ritmos diferentes. Os peixes permitem pensar sociabilidades mais do que humanas (a partir de TSING, 2013), e é tentador analisar o percurso dos sáveis uma vez por ano, subindo longos percursos, do oceano em direção ao interior que se estrutura em redor dos cursos de água doce. As presenças destes cardumes nos rios próximos de Castanheiro do Vento teriam necessariamente várias escalas de impacto nas comunidades humanas. Seria, simultaneamente, um recurso económico, um marcador temporal, um indiciador de mudança, e um indicador da repetibilidade necessária para que a vida em comunidade aconteça.

## AGRADECIMENTOS

Cláudia Costa é financiada por fundos nacionais através da FCT com contracto no âmbito da Norma Transitória DL57/2016/CP1361/CT0028.

## BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, T; GAMEIRO, C.; MANGADO LLACH, J. LUÍS, L.; MATIAS, H.; PEREIRO, T. (2016), Upper Palaeolithic lithic raw material sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstructing hunter-gatherer societies. *Proceedings of the 10th International Symposium on Knappable Materials*, Barcelona, Vol. 3 No 2, pp. 7-28
- CARDOSO, J.M. (2007), *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa – Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*. Tese de Doutoramento, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- CARDOSO, J.M. (2019), Castelo Velho de Freixo de Numão, um Sítio, uma Paisagem. In S. Lopes (coord.) *Olhares Sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: Revisitar um Recinto Pré-histórico do Alto Douro Português*, Coimbra, digitAR – Extra Número, pp. 51-93

- CARDOSO, J., GOMES, S., VALE, A. JORGE, V.O. (2021), Topografias dos recintos murados da Pré-história Recente do Alto Douro: o caso de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.N. de Foz Côa). *Povoações Alcandoradas. Arquitetura e Paisagem. 2.º Congresso Internacional Arquitetura Tradicional no Mediterrâneo Ocidental*, Argumentum, CEAACP-CAM, pp. 94-105
- COLLARES-PEREIRA, M. (coord.); ALVES, M.; RIBEIRO, F.; DOMINGOS, I.; ALMEIDA, P.; DA COSTA, L.; GANTE, H.; FILIPE, A.; ABOIM, M.; RODRIGUES, P. & MAGALHÃES, M. (2021), *Guia dos Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal Continental*. Edições Afrontamento. Porto.
- COSTA, C. (2007), *Zooarqueologia e Tafonomia de Castanheiro do Vento*. Dissertação de Mestrado, Faro, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- COSTA, C. (2011), A Gestão do fogo em Castanheiro do Vento: a possível utilização dos ossos de animal como combustível, OrJia (eds.) *Actas de las II Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica (Madrid, 6, 7 y 8 de mayo de 2009)*. JIA 2009, Tomo I. Madrid, Libros Pórtico, pp. 309-315
- COSTA, C. (2016), The use of animal bone as fuel in the Third Millennium BC Walled Enclosure of Castanheiro do Vento (Northern Portugal), *Int. J. Osteoarchaeol.* 26, pp. 877–884, DOI: 10.1002/oa.2502
- DOADRIO, I. (2001), *Atlas y Libro Rojo de los Peces Continentales de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza, Museo Nacional de Ciencias Naturales. Madrid.
- FERREIRA, A. e Brum, (1978), *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira, Estudo de Geomorfologia*, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, nº 4, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.
- FROESE, R. Y D. PAULY (eds.) (1999), *FishBase*. World Wide Web electronic publication. [www.fishbase.org](http://www.fishbase.org).  
<https://www.fishbase.se/summary/alosa-alosa.html>; <https://www.fishbase.se/summary/alosa-fallax.html>.
- GABRIEL, S.; COSTA, C. (2017), Exploração de Recursos Aquáticos no Final do Neolítico e Calcolítico: Breve Revisão do Registo Faunístico. In ARNAUD, J. e MARTINS, A. (coord.) *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 723-740
- JORGE, V.O. com a colaboração de CARDOSO, J.M., VALE, A.M., VELHO, G.L., PEREIRA, L.S. (2006) Copper Age ‘monumentalized hills’ of Iberia: the shift from positivistic ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques of transforming place and space as results of a research experience in the NE of Portugal. In Jorge, V.O. (ed.) *Approaching prehistoric and protohistoric Architectures of Europe from a Dwelling Perspective’*. *Journal of Iberian Archaeology* 8, special issue, Porto, ADECAP, pp. 203–264
- LACERDA, S. (2017), SIG e Arqueologia: Ensaio para a Compreensão do Alto Douro do III e II Milénio A.C. *Estudos do Quaternário*, 17, pp. 1-12
- PEARSON, M.P (2011), *Stonehenge. A New Understanding. Solving the Mysteries of the Greatest Stone Age Monument*. Nova Iorque, The Experiment
- PEARSON, M.P; POLLARD, J.; RICHARDS, C.; THOMAS, J.; TILLEY, C.; WELHAM, K. (2008), The Stonehenge Riverside Project exploring the Neolithic landscape of Stonehenge, *Documenta Praehistorica*, XXXV, pp. 153-166
- RODRIGUES, M. (2020), *O uso dos materiais vegetais em Castanheiro do Vento, Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa*. Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- SANTOS GUERRERO, J. (2011), A casa como problema. *Pensar a Casa. Conferências da Casa 1*, Matosinhos: Casa da Arquitectura, pp. 9-26

- TAVERNY, C., ELIE, P. (2001), Répartition spatio temporelle de la grande alose *Alosa alosa* (Linné, 1766) et de l'alse feinte *Alosa fallax* (Lacépède, 1803) dans le Golfe de Gascogne. *Bulletin Français de Pêche et de Pisciculture*, 362/363, pp.803–820
- THOMAS, J. (2022), Steps Toward an Archaeology of Life. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 62, pp. 197-211
- TSING, A. (2013), More-than-Human Sociality: A Call for Critical Description. In K. Hastrup (ed.) *Anthropology and Nature*. Routledge, pp. 27-42
- VALE, A.M. (2011), *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Tese de Doutoramento. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- VALE, A.; CARDOSO, J. M.; GOMES, S.; JORGE, V.O. (2023), A Formalização de Espaços Públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: As Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V.N. Foz Côa). In ARNAUD, J.; NEVES, C.; e MARTINS, A. (coord.) *Arqueologia em Portugal. 2023 – Estado da Questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS20 e IA-FLUC, pp. 135-147
- VALERA, A.C. (2016), Nota sobre uma decoração incomum num recipiente dos Perdigões, *APONTAMENTOS de Arqueologia e Património*. No 11, pp. 912

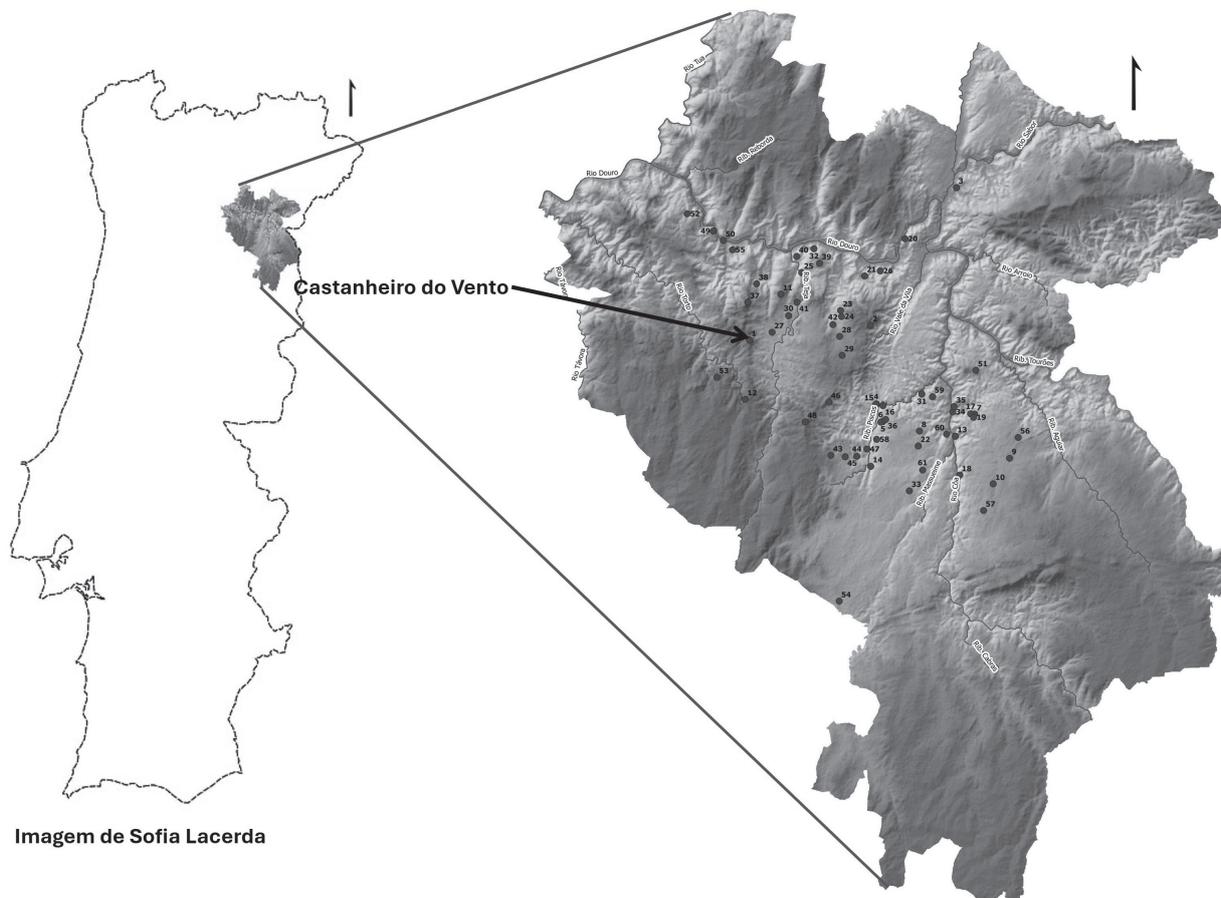
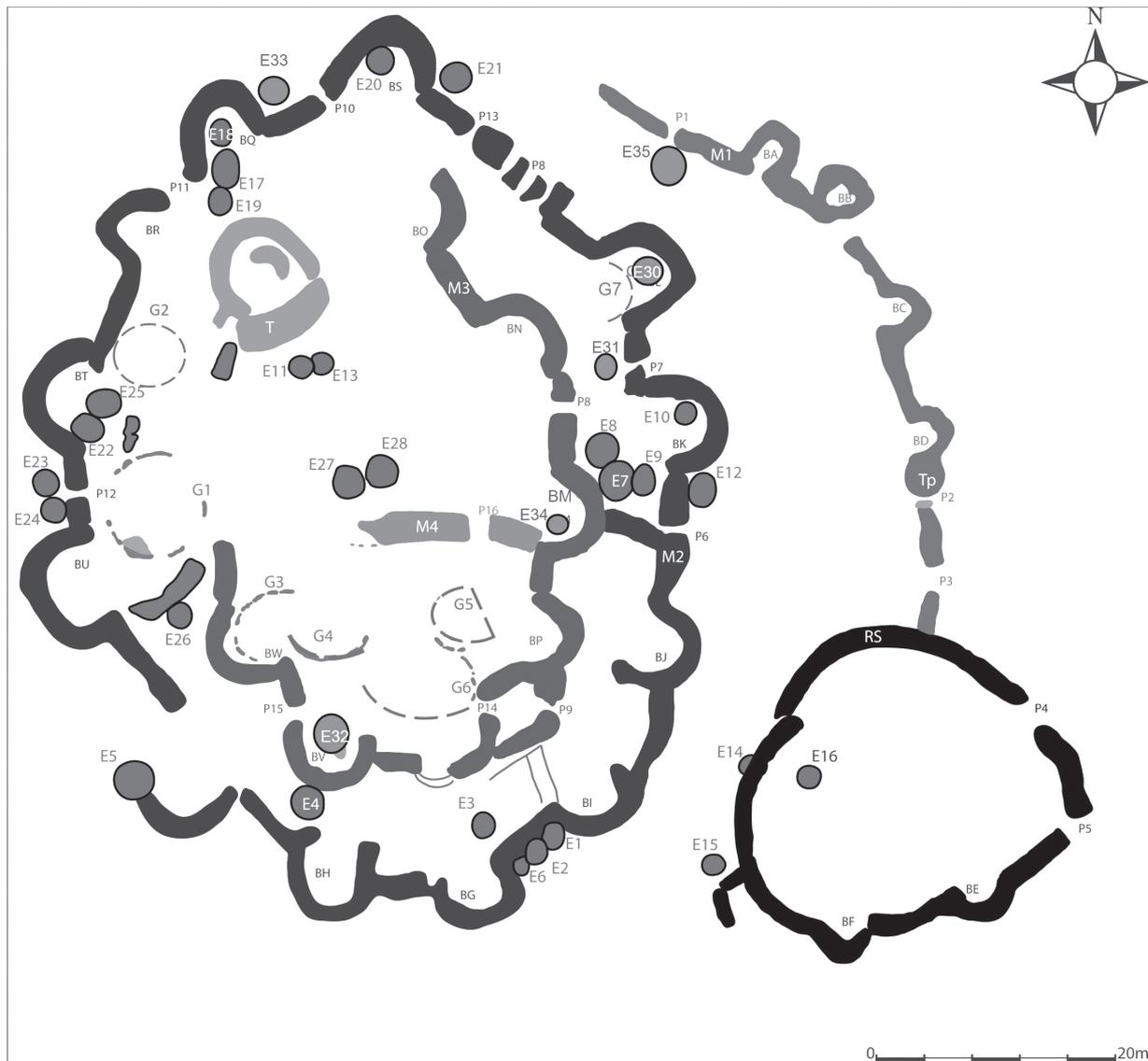


Imagem de Sofia Lacerda

**Fig. 1:** Localização de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) e dos sítios arqueológicos coetâneos identificados por João Muralha Cardoso (2007) entre o rio Torto a Oeste e a Ribeira de Aguiar a Este. A base cartográfica foi executada por Sofia Lacerda (2017).

1-Castanheiro do Vento; 2-Castelo Velho de Freixo de Numão, 3-Quinta de Alfarela; 4- Vale da Veiga II; 5-Curral da Pedra; 6-Curva da Ferradura; 7-Vale Mateus; 8-Quinta da Torrinha; 9-Castelo de Algodres; 10-Barrocal Tenreiro; 11-Castelo de Numão; 12-Castro de São Jorges; 13-Salto do Boi/ Cardina; 14-Quinta dos Gamoais de Baixo; 15-Vale da Veiga I; 16-Castelo Velho de Tambores; 17-Fumo; 18 – Mouchão da Faia; 19 – Gamoal; 20-Castelo Velho do Monte Meão; 21-Castelo Velho das Mós do Douro; 22-Castelo Velho de Santa Comba; 23-Abrigos do Vale Ferreiro; 24-Abrigos da Painova; 25-Citânia da Teja ou Sobreiral; 26-Campanas; 27-Raza I; 28-Alto de Santa Eufémia; 29 – Vale Minhoto; 30-Zaralhôa; 31-Alto do Castelo ou Tapadão; 32- Castelos (Santa Comba); 33-Castelo Velho das Seixas (Castelos); 34-Quinta da Barca; 35-Penascosa; 36-Lapas; 37-Senhora do Viso; 38 – Cabadulhos; 39-São Martinho; 40-Pitanceira; 41-Raza II; 42-Almoinhas; 43-Castelo Velho da Mêda; 44-Castelo de Longroiva; 45-Alto da Forca; 46-Montes; 47-Fieiteira; 48- Santa Columba; 49-São Salvador do Mundo; 50-Quinta da Abelheira; 51-São Gabriel; 52-Cerro do Bastião; 53 -Castelo Velho de Souto; 54-Quinta do Campo; 55-Santa Bárbara; 56 -Seixo I e II; 57 -Monteira; 58-Alto da Lamigueira; 59-Perdigueiros; 60-Currais das Mós/Tomadias; 61-Cabeçinho da Perdiz;



**Fig. 2:** Planta geral do sítio de Castanheiro do Vento, com a identificação das principais estruturas registadas até à campanha de escavações de 2022.



**Fig. 3:** Bacias hidrográficas dos rios Cõa e Torto, das ribeiras de Aguiar, Vale da Vila e Teja (adaptado de FERREIRA 1978:317), assinalando a localização do sítio de Castanheiro do Vento. O mapa encontra-se orientado a Norte.



**Fig. 4:** Fotografia do rio Douro, em primeiro plano, com o planalto de Algodres ao fundo. Imagem tirada do sítio arqueológico de Nossa Senhora de Urros (Torre de Moncorvo). Fotografia de João Muralha Cardoso.



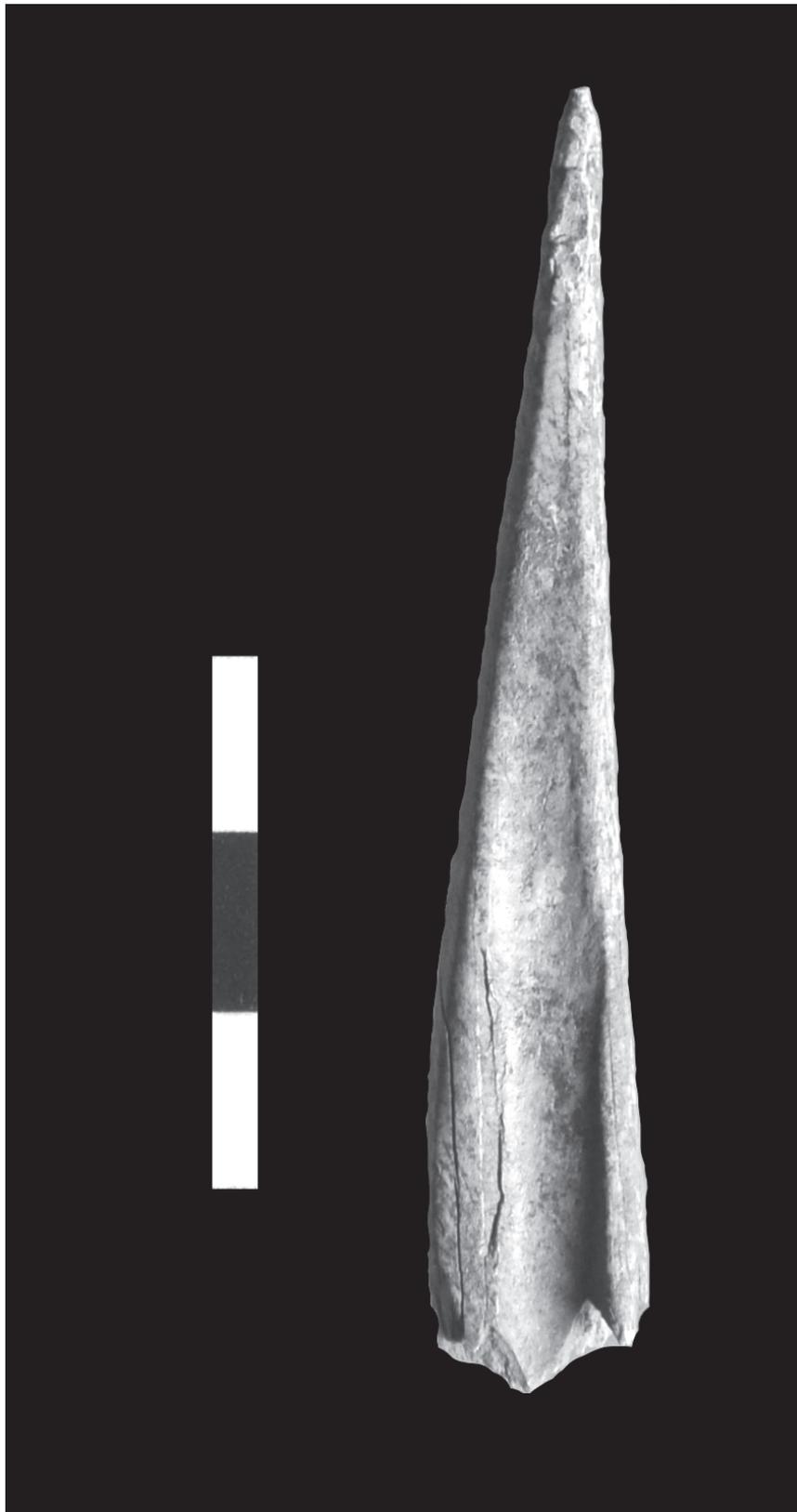
**Fig. 5:** Fotografia de Castanheiro do Vento, ao centro no horizonte. Imagem tirada do sítio da Zaralhôa (Vila Nova de Foz Côa). Entre os dois sítios arqueológicos corre a ribeira da Teja, visível através do renque de árvores do centro da imagem. Fotografia de João Muralha Cardoso.



**Fig. 6:** Fotografia da Grande Estrutura Circular 1, delimitada por lajes de xisto fincadas, perfazendo um diâmetro de 8m, durante a escavação arqueológica (2011).



**Fig. 7:** Fotografia de pormenor das vertebbras de peixe em conexão anatómica identificadas na Grande Estrutura Circular 7 (2018).



**Fig. 8:** Furdador em osso sobre diáfise de fíbula de *Sus sp.*,  
identificado na Grande Estrutura Circular 7 (2018).  
Fotografia de Cláudia Costa.